

O NOME E UM PROGRAMA

Um novo jornal, quando surge no cenário, costuma apresentar-se ao público justificando a sua razão de ser. Isto acontece mormente por se tratar de pregar uma linha de conduta entre as forças políticas existentes. Qual será essa política, em nosso caso, o nome escolhido já indica. O nome foi escolhido para um programa de ação.

Que significa essa política operária? Em que consiste esse programa? Poderíamos responder simplesmente que se trata da renovação da esquerda no país. A velha esquerda que já teve um papel significativo nas lutas do passado, desgastou-se e mostrou-se incapaz de acompanhar o desenvolvimento de que tanto fala. Hoje não consegue mais galvanizar a nova geração destinada a continuar a obra.

Essa nova geração revolucionária demonstra a sua existência em toda a crise política, nas Universidades, nas fábricas, nas ruas. É ela que toma as iniciativas de luta antiimperialista; que propaga as idéias da revolução cubana e que defende os precários direitos democráticos quando ameaçados por golpes da direita. Esses novos, todavia, ainda não conseguiram definir-se como fator político capaz de oferecer objetivos de luta que representam de fato uma alternativa à política burguesa tradicional. Depois do desgaste dos velhos surgiu um vácuo. Contribuir para preenchê-lo, eis a nossa razão de ser.

Essa definição de Política Operária, entretanto, ainda não satisfará amigos, nem inimigos, e também não nos satisfaz, pretendemos ser mais concretos:

1. Uma renovação da esquerda no país só poderá se dar quando for apoiada, conscientemente, na classe operária. Num país como o Brasil, com três milhões de operários industriais, nenhum movimento de esquerda poderá viver e crescer à margem da classe operária. É esta que fornece o campo de ação e os objetivos de luta a milhares de jovens do movimento estudantil que hoje procuram imprimir novos rumos à política nacional. É ela capaz de agrupar em torno de si os milhões de camponeses que despertam para a vida política, e dar consciência à sua luta. É igualmente o movimento operário o único capaz de mobilizar as camadas mais radicais da pequena burguesia, como as desorientadas massas de eleitores de Quadros, abandonadas pelo seu Presidente.

2. O movimento operário brasileiro já tem suas bases materiais criadas. Entretanto, permanece amarrado por uma legislação sindical herdada do Estado Novo, e sem um partido da classe. Jovem, fortalecido com a industrialização, continua ele a crescer com o fluxo do campo, mas não atua ainda como classe independente no cenário nacional, com uma política oposta à burguesa. É verdade que existem setores avançados que são um indício do futuro desenrolar das coisas, mas a tendência predominante no movimento operário, como o conhecemos, ainda é o voto no candidato burguês menos ruim, e o apoio à política menos reacionária. O processo de afirmação da classe operária depende do ritmo da tomada de consciência na sociedade, do ritmo em que cresce a confiança nas suas próprias forças e na ação da sua classe. Esse processo está em marcha, mas ele só será vitorioso se houver uma integração da teoria socialista na luta diária; se os jovens que hoje estudam os problemas teóricos se encontrarem com os operários industriais e rurais num mesmo partido.

3. Falamos nos velhos e nos novos, na sucessão das gerações que formaram a esquerda no país. As tarefas fundamentais dos novos são, entretanto, — levando em conta o desenvolvimento geral ocorrido nos últimos decênios — as mesmas que outros antes de nós enfrentaram. Trata-se em primeiro lugar, para falar claro, de aplicar o método do marxismo naquilo que comumente se chama realidade brasileira. Foi a insuficiência desse esforço, no passado, o abismo que o militante encontrava entre a prática política diária e a teoria socialista, que dirigiu os seus olhares para fora, à procura dos problemas insolutos. Muito se falou então entre nós do "caminho russo", "chinês", "iugoslavo" e, recentemente, do "modelo cubano". Estes exemplos têm valor para mostrar que países menos desenvolvidos que nós já encontraram caminhos para se livrar da exploração capitalista, mas os ensinamentos que podemos tirar das lutas de classe desses povos não são um convite à imitação. Ao rejeitarmos as tentativas de imitações não o fazemos, certamente,

por motivos nacionalistas em voga, e sim pela consciência de que todo povo e todo movimento revolucionário têm de cavar o seu caminho. Os exemplos ensinam, mas não poupam o trabalho. O marxismo, onde abalou o mundo, foi antes de tudo criador.

4. A falta de uma aplicação construtiva do marxismo e das experiências do movimento internacional à realidade do país fez com que a esquerda, finalmente, se limitasse a desempenhar suas atividades não em função da sua classe operária e dos seus objetivos históricos, mas sim como apêndices da política externa de países que já realizaram suas revoluções. A estratégia e tática da esquerda não mais foram determinadas pelos interesses e necessidades do proletariado brasileiro e foi esse fenômeno que atrasou a formação política do nosso movimento operário. A nova geração terá de restabelecer os princípios do internacionalismo global — e isso, certamente inclui a classe operária do próprio país.

5. Um movimento operário liberto da tutela interna e externa não pode deixar de desfraldar a bandeira da luta pelo socialismo neste país. Não pode deixar de opor aos desenvolvimentistas a alternativa do desenvolvimento socialista para enfrentar os problemas insolutos da chamada realidade nacional. A luta pelo socialismo como única resposta possível à miséria da política burguesa, tem de ser iniciada nesta terra. A penetração desse objetivo entre as largas massas de assalariados é o único meio de evitar que o lugar vago, deixado pelos demagogos de ontem, os Getúlios, os Ademares, os Jânios, seja novamente preenchido por políticos da classe dominante. No Brasil de hoje, a luta aberta e indisfarçada pelo socialismo é uma condição indispensável para a elaboração de uma estratégia e uma tática do seu movimento operário — é própria premissa da tomada de consciência de classe de seu proletariado.

Eis o que entendemos por Política Operária.

Jornal Política Operária, ano I, nº 1, jan/1962.